

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao McDonald's: Teologia e Sociedade de Consumo**. 2. ed. rev. Curitiba: Champagnat, 2011. 197 p.

## A EMERGÊNCIA DA MCTEOLOGIA

Luana Caroline KÜNAST POLON<sup>1</sup>  
Tarcísio VANDERLINDE<sup>2</sup>

Inspirado numa exegese do Livro de Jó, Luiz Alexandre Solano Rossi avalia a antiteologia que se materializa como “Teologia da Retribuição” e que se acomoda à sociedade de consumo do tempo presente. A “opção preferencial pelos pobres” frase emblemática que marcaria práticas da Teologia da Libertação e se identificaria com movimentos sociais, principalmente a partir dos anos de 1970 no Brasil e na América Latina, retorna na desconstrução da ideia de que a prosperidade financeira pessoal bem como ter saúde se identificam como bênçãos de Deus, e que doenças e pobreza são atributos de uma situação que se caracteriza como maldição. Na McTeologia a presença de Deus é encontrada na receita financeira, na aparência externa e no relacionamento pessoal com pessoas de prestígio.

Na visão do autor, urge recuperar uma Teologia que perceba o sofrimento dos pobres e se pautem em princípios de solidariedade e na crítica da ideologia do consumo. A conclusão do autor é que a Teologia da Retribuição “tem respondido aos desejos psicossociais das pessoas excluídas do capitalismo moderno” (p.91). Sendo assim, a Teologia no seu objetivo de domesticar e não de libertar, teria capitulado ao consumismo, uma vez que vê no consumo a bênção de Deus. Ela impõe um padrão ético simplificado e altamente individualista tipo hambúrguer do McDonald's. “Trata-se de uma teologia conveniente e apaziguadora para aqueles que têm grandes posses neste mundo” (p.159). A McTeologia adota abordagens mercadológicas sofisticadas e transforma o fiel em cliente. [...] “por tender a se adaptar a cultura circundante, tem se apropriado de valores e costumes próprios do mercado” (p.178). Ao desconstruir a Teologia assimilada pelo mercado o autor propõe profeticamente uma Teologia que se pautem na suficiência e na solidariedade.

Para além do título instigante, o objetivo do autor foi realizar uma discussão que relaciona a Teologia emergente, com o modelo de vida adotado pelos indivíduos da sociedade de consumo. O livro divide-se em quatro capítulos. O primeiro e segundo abordam os dilemas de Jó e sua luta argumentativa contra a “Teologia da Retribuição” que decorre do contexto econômico, social e político da época em que o livro teria sido escrito. O terceiro e quarto capítulos são dedicados a analisar a emergência da McTeologia.

Na exegese a partir do clássico bíblico, o autor analisa o poder político na sociedade em que Jó estava inserido, mostrando como este foi vitimado pela ação dos governantes

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. Integrante do grupo de pesquisa ENGEIO – Grupo de Pesquisa em Ensino e Práticas de Geografia. Participa de atividades desenvolvidas no GEMMA – Laboratório de Estudos Geográficos, Mídia, Migrações e Ambiente. E-mail: luanacaroline.geografia@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon – PR. E-mail: tarcisiovanderlinde@gmail.com

daquele tempo. “A história revelada pela experiência de Jó é presumivelmente dirigida a pessoas que tinham terras e rebanhos, mas que haviam perdido suas posses” (p.34). A situação vivida por Jó permitiu que surgisse uma Teologia oficial que não respondia as angústias daquele sofredor. A exegese permite a conclusão que nem todo mal é castigo por pecado e que os bons também podem sofrer. Os amigos de Jó tinham discursos teológicos semelhantes a certas práticas consoladoras que se percebem atualmente no âmbito das religiões. O livro de Jó independentemente de o personagem principal ter existido ou não, seria uma representação dos indivíduos daquele período da história. Teria sido uma fase de grande sofrimento para os homens que viveram aquele momento, onde “as pessoas comuns reclamavam de ter que vender seus filhos como escravos para poder comer” (p. 35).

Em sua crítica, o autor observa como os “amigos” de Jó tentavam convencê-lo de que seu sofrimento era consequência de uma vida pecadora, e que Deus abençoava apenas aqueles que eram justos, enquanto os injustos eram amaldiçoados. E, ao contrário da fala habitual sobre a “paciência de Jó”, o autor apresenta um Jó que reage, persevera e luta, pois sabe que está sendo injustiçado pelas circunstâncias e pelo discurso teológico que lhe é imposto.

A Teologia da Prosperidade ou Teologia da Retribuição, na ação discursiva dos “amigos” de Jó, lembra a sociedade de consumo da “modernidade líquida”. Abençoados seriam aqueles que possuíssem condições financeiras para realizar sonhos de consumo. Já os pobres, não seriam merecedores da “benção” de consumir. Seu sofrimento é visto como resultado de uma vida censurável, longe do que Deus considera adequado. Cria-se, portanto uma luta por agradar a Deus, negocia-se com Ele, de modo a obterem-se vantagens financeiras, saúde ou alegrias. Ao jogar com Deus, corre-se o risco de se esquecer da perversidade do sistema, onde de fato pode estar o problema.

O autor analisa ainda que há quem se considere “Filho do Rei”, sem perceber que o filho de Deus contentou-se com o suficiente. Jesus Cristo veio de família pobre, nasceu em condições precárias e viveu de ajudas. Verifica-se não existir lógica em designar-se “Filho do Rei” – se este rei de fato referir-se a Jesus – e negociar uma vida de sobras no contexto em que os pobres seriam redundantes e culpados decorrente de sua condição pecaminosa. “Deus não quer que seus filhos dirijam carros velhos; Ele quer ver seus filhos dirigindo um carro do ano. Deus quer o melhor para seus filhos”. (p. 93). As promessas de uma vida de alegria abundante para depois são rejeitadas, pois os indivíduos querem hoje esta condição. Tudo quanto demanda certo tempo para acontecer, não satisfaz o consumidor e, portanto deve ser rejeitado. A neoteologia estimula o desfrute e o consumo imediato.

Criativamente, Rossi faz uma analogia entre a Teologia da Prosperidade e a política da rede McDonald’s de *fast-food*, um dos símbolos da sociedade de consumo. As quatro diretrizes do McDonald’s, consideradas o segredo do sucesso da marca são: eficiência, calculabilidade, previsibilidade e controle. Juntas, constituem as bases para a expansão eficiente da empresa pelo mundo. Aplicadas ao campo religioso tem-se como resultado a McDonaldização da Teologia.

Recuperando textos clássicos da Teologia da libertação de autores como Gustavo Gutierrez, Jürgen Moltmann e Dietrich Bonhoeffer, mas também trazendo para a cena as concepções de “modernidade líquida” problematizadas por Zygmunt Bauman, Rossi denuncia a incoerência e a insustentabilidade moral da McTeologia. Trata-se de uma Teologia que navega na contramão das necessidades éticas e ambientais do mundo contemporâneo.

O texto de Rossi surpreende ao problematizar uma temática que ainda enfrenta algumas limitações ao ser discutida. Na ação discursiva da McTeologia, os indivíduos são manipulados, são levados a não pensar criticamente e a aceitar uma Teologia rápida e simplificada como o lanche do McDonald’s: agradável ao paladar, mas que ao ser consumido

com frequência pode apresentar efeitos colaterais indesejáveis. A McTeologia não abre espaço para questionamentos, pois, quem questiona a “verdade” será castigado e não receberá a “benção”. Ao recuperar os pressupostos clássicos que fundamentaram a Teologia da Libertação, Rossi leva o leitor a refletir sobre o lugar social de Deus no mundo contemporâneo e de que a solidariedade pode ser construída mesmo no caminho da derrota.

Analisando o livro de Rossi sob a ótica da sociedade contemporânea é possível concluir que Teologias com apelo de acesso pleno ao consumo, assim como os movimentos messiânicos históricos, emergem em contextos sociais de crise e de carência financeira dos sujeitos. Nasce das classes oprimidas a necessidade de encontrar no místico as respostas que não recebem no ambiente social onde vivem. As Teologias emergentes, percebidas por Rossi, são fontes de compreensão social para os indivíduos menos favorecidos economicamente. De modo que, buscam individualmente uma transformação de vida, visando a ascensão social. Aos que creem nas profecias das Teologias da Retribuição, suas ações são perfeitamente justificáveis. E é compreensível que seja assim. O sistema que rege as ações humanas é perverso e por vezes não oferece expectativas de uma qualidade de vida digna aos sujeitos. A via mística, neste caso, independentemente de se caracterizar como um ambiente de alienação e manipulação, pode ser entendida como forma de resistência a se contrapor aos problemas enfrentados pelos sujeitos na sociedade em que vivem.

Resenha recebida em 09-06-2012

Resenha aceita para publicação em 14-10-2012